

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Para satisfazer ao pedido de uma de minhas melhores amigas, incumbi-me da difficil tarefa de escrever o *artigo de modas* do Jornal das Senhoras.

Com 16 annos de idade, e sem o traquejo do jornalismo, eu reconheço a minha insufficiencia para substituir dignamente a vossa engraçada e espirituosa Christina.

Não tenho talentos, nem grandes conhecimentos desta materia; mas se os esforços de uma boa vontade bastarem para apresentar-vos todas as semanas algumas linhas que possais ler, eu vos affirmo, que as tereis sempre escriptas com o desejo de fazer-vos o menos sensivel a falta de nossa amiga.

Apresentadas assim as minhas desculpas diktadas pela minha consciencia, começarei dizendo-vos que o mundo elegante ausentou-se dos salões e foi viver a vida das boninas dos nossos campos, e das margaridas que contempñão das margens dos regatos as ondulações dos corregos; ás vezes pensativas scismando uma saudade, outras vezes descuidosas mirando no cristal das agoas o bello matiz de suas petalas.

Já um moço de grande talento vos disse, que entre as maravilhas da natureza, as mais semelhantes, são as flores e as mulheres.

E' uma verdade, de poesia simples e bella, como a imaginação que a concebeu; não sei se

como eu todo o meu sexo terá reconhecido a sua força.

Para mim foi como um dogma, — não precisei de provas para aceitall-a: chamei-me embora de vaidosa, eu devo antes de tudo ser franca.

Com effeito, já notastes que ha tempos em que os jardins estão desornados de suas canelias—de suas rosas — de seus jasmins—de suas violetas— até de suas borboletas?!

Correi nessas occasiões aos vastos salões da natureza alcatifados por tapetes de esmeralda, e vereis essas varzeas tão verdes de vossos campos recamadas de flores.

E' porque ha tempos em que o ambiente dos jardins é tão calido que descóra e fana: torna-se necessario uma brisa mais suave para as flores, e um perfume mais puro para as borboletas.

E' o mesmo que acontece ás moças: estas tambem desamparão o jardim em que vição—os salões, e parecem transplantar-se para as margens das ribeiras e relvas das campinas.

Elas sentem a mesma necessidade: de suas irmãs — as flores: a atmosphera tepida das salas illuminadas na estação quente offende a delicadeza de sua natureza, e o baile com as diplomacias da corte, assim como o theatro, perdem o seu valor incalculavel da quadra fresca e fria do anno.

Disse-vos que estamos na estação calrosa — é

o mesmo que dizer-vos que a moda tem baído as lãs, as sedas dobradas, os chales de tecido pesado, e que o reinado pertence ás gazes ligeiras, e ás caças.

Inda n'isso as moças são semelhantes ás flores; as do campo são mais singelas que ás dos jardins, e não são por isso menos lindas, nem seus perfumes menos agradáveis.

A' poucos dias tive occasião de observar essa verdade:

Estava em Andaraby no meio de uma reunião de amigas, e terminavão-se as sentenças de um jogo de prendas: era meio dia; não obstante, propoz-se um passeio a uma pequena cascata, que havia nessa bella chacara em que passavamos o dia.

Tivemos de caminhar pelas margens do ribeiro que a formava, e eu ia fazendo um estudo comparativo entre as flores que crescião no caminho, e as moças que as pisavão descuidosamente.

Não erão camelias, nem cravos, nem essas flores dos jardins de molde difficil: mas erão as modestas e delicadas floresinhas do campo, de perfumes suaves, e de côres pallidas e brancas, como o corpo de um suspiro.

Foi por isso que achei a semelhança com os *toilettes* simples e ligeiros, que misturavão seus

aromas com os de seus calices, e que assemelhavão os lindos corpinhos que os trajavão ás sombras vaporosas das sylphides creadas pela imaginação dos poetas antigos.

Erão todos *canesus* difanos; vestidos brancos de bretanha, com uma fita na cintura como unico ornamento; penteados sem *blondes* nem *volubiffesses*, umas traças negras, que tão graciosamente repousavão n'um collo moreno como o feu, hombros mimosos, apenas protegidos do mormaço por um lençinho de cambraia, e feitiças bojinhas de saito, que molhárão-se todas na passagem de uma pontesinha de um só pé, por causa do infiel ampáto que nos dava as mãos dos moços que nos acompanhavão.

Entretanto estas moças, que assim trajavão, primão sempre nos salões do *Cassino* pelo bom gosto do *toilette*.

Não quero dizer com isso que a moda não apresenta outra variante: ahí vai a descripção da gravura, que é a traducção do bom gosto imaginario, adaptado á occasião.

Nota! sobre tudo, vós meninas de minha idade, esses bandos lizos e curtos que vão terminar n'uma aureola de lindos cabelos *ceindrés* que cingem a cabeça dessa faceirinha de 12 annos.

Ritinha.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE DE UMA SENHORA DE IDADE—Penteado de canudos de cabello dispostos em tres ordens de cada lado, ignido por ornamento uma touca de renda preta enfeitada de flores. Chamamos a attenção para este simples e gracião ornamento.

Vestido de *moir antique*: saia lisa: corpo afogado, um pouco aberto, enfeitado de tres ordens de renda *guipure* preta e fita estreita encrespada, acompanhando a renda.

Mangas formadas de tres fôfos separados por um laço de fita da mesma côr do vestido, cada um.

Sub-mangas de renda e camisiua de caça guarnecida de renda.

TOILETTE DE ESTAR EM CASA—Vestido de nobreza liza: saia ornada de tres folhos largos orlados com um rôlo da mesma fazenda.

Os pannos destes folhos não são enmendados, estão soltos, porém juntos um ao outro por tiras de nobreza enfeitadas de rôlo e presos, no pregar

do folho na saia, por laços de fita de pontas. E' uma guarnição curiosa e de bom gosto.

Corpo afogado, lizo, mangas pagode enfeitadas de rôlo e laços de fita. Sub-mangas de fôfo fechado, com punho de renda de bico, e laço de fita.

Collarinho com *rabat* de caça bordada, enfeitada com uma ordem de laços progressivos de fita de setim côr de rosa.

Penteado de canudos de cabello dispostos á feição; touca de barbas, de renda *maline*, enfeitada de uma ordem de fofinhos de fita em forma de aureola em meio da cabeça.

TOILETTE DE UMA MENINA DE DOZE ANNOS—Saia de tafetá escocez, branco em xadrez verde. *Basquine* afogada, de seda verde claro, enfeitada com tres ordens de botões: mangas *battelière*. Renda estreita no punho e na golla.

Cabello repartido pelo meio, penteado para traz, e feito em tranças que voltão por sobre o meio da cabeça.

UMA HISTORIA QUE SE PASSA EM INGLATERRA.

Traduzida de Alphonse Karr — (*Les femmes.*)

Recommendo ás minhas amigas a leitura desta curia e interessante historieta.

Isabel era filha de um homem viuvo muito

rico, que morreu, quando ella era ainda menina. Ao expirar, elle a confiou aos cuidados de um amigo em quem depunha confiança. O tutor de

Izabel filha tambem uma filha da idade do sua pupilla, e uma estreita amizade ligou immediatamente as duas moças. Se Izabel era rica, ella tinha sido menos dotada pela natureza, do que Maria que não tinha outro dote que esperar senão a sua belleza. Izabel era simplesmente sympathica, enquanto que Maria era extraordinariamente linda. Não obstante era principalmente para Izabel que se apresentavão os pretendentes. Um moço chamado Jorge, que se mostrava assiduo na casa, não tardou a ser considerado pelo publico, pelo tutor de Izabel, e pelas duas raparigas, um dos adoradores da rica Izabel. As duas amigas graciejavão-se a respeito.

— Casa-te depressa, minha amiga, dizia Maria; porque os homens não se dignarão dar-me attenção, enquanto estiveres aqui.

— Eu só me casarei, dizia Izabel, com um homem que tiver bastante bom gosto, e bastante desinteresse para te preferir á mim, e pôr a tua encantadora belleza em seu devido lugar, isto é; á mil pés acima do meu dinheiro.

Todavia, as duas moças se tornãro um pouco mais reservadas em suas confidencias; porque Jorge, que reunia todas as qualidades desejaveis, tinha produzido uma igual impressão em cada uma dellas.

Aconteceu que Maria foi passar algumas semanas em casa de uma parente, e que Jorge não foi menos assiduo por isso na casa: isto bastaria para confirmar as suspeitas que já se havia tido; — si estas suspeitas já não tivessem passado ao grão de certeza. Entretanto, Jorge, que muitas vezes se achava só com Izabel, não se declarou. Esta posição era um pouco embaraçosa para a rapariga; que, para não se perturbar, fallava de sua amiga, e fazia-lhe um elogio merecido. Muitas vezes Jorge parecia ir fallar, mas hesitava, balbuciava; e enfim, não havia nada dito até o momento que Maria voltou para casa.

Entretanto, Izabel, meditava os projectos os mais risinhos do futuro, e Deus sabe e o diabo talvez tambem um pouco, quantas imagens encantadoras se succedião diante de seus olhos.

Alguns dias depois de sua volta; Maria veio procurar Izabel em seu quarto, e pediu-lhe que lêsse uma carta que ella acabava de receber — enquanto ia conversar com seu pai a respeito do que ella continha.

Essa carta era de Jorge.

Mademoiselle Mary, dizia elle, vinte vezes quiz fallar á vossa querida Izabel dos sentimentos que enchem minha alma, e vinte vezes a palavra parou-me nos labios. Eu queria rogal-a que fosse meu interprete para comvosco e vosso pai; resolvi-me a escrever a ambos.

Eu vos amo Maria, — e não souho a felicidade senão para partilha-la comvosco.

Não experimentarei descrever a triste surpresa — a dôr amarga — o desanimo profundo que á esta leitura se apoderarão do espirito e do coração de Izabel. Mil projectos lhe passarão pela mente, e fóro successivamente regeitados. A final ella parou no mais nobre de todos: desceu ao gabinete de seu tutor, e ahí encontrou Maria banhada em lagrimas.

Minha filha, lhe disse o velho, Jorge é um

homem honesto e distincto, e eu teria orgulho em chamal-o meu genro; mas elle é tão pobre como tu! Eu sei todas as illusões bellas e nobres, pelas quaes me podes responder — e eu ficaria descontente que tu não as tivesses; porém não tenho mais o direito de ter essas illusões. Logo que Jorge tiver um emprego, por mais diminuto que seja o seu ordenado, serás delle tua esposa.

— Meu caro tutor, diz Izabel, ou antes meu segundo pai, Maria é eu — somos duas irmãs, — e eu quero; — eu devo dividir minha fortuna com ella.

Querida menina, respondeu o tutor, levo muito a bem este bom sentimento, — eu o comprehendo, — eu o approvo — e talvez não me oppozesse, até um certo grão, aos effeitos de vossa generosidade, senão fosse vosso tutor; mas vos comprehendereis que com este titulo, seria deshonrar-me, deixar-vos fazer de vossa fortuna um uso semelhante, porque nada podesdes deliberrar sem minha autorisação. Não fallemos, pois, mais disso. Jorge e Maria são moços, elles podem esperar: o amor é como o vinho, ganha em envelhecer, e tem necessidade de estar alguns annos engarrafado; o amor delles não será peor, por ter cinco ou seis annos de coração — quando chegarem as nupcias.

O tutor foi inflexivel. Izabel tertia preferido fazer de um só golpe todo o sacrificio que ella tinha resolvido; entretanto, passarão-se dois annos, sem que Jorge conseguisse obter um emprego: muitas vezes Izabel renovou seus offercimentos sem successo; — o pai de Maria cahia doente e morreu. Izabel achou a mesma resistencia em Jorge e Maria. Mas, por um acaso inesperado, Lord... lembrando-se de uma antiga amizade, que tinha existido, dizia elle, entre seu pai e o pai de Jorge, lhe offereceu uma posição importante, cuja nomeação lhe competia. Este lance de fortuna pôz o remate aos votos dos dous amantes, que não se demorãro em se casar. Izabel mandou edificar uma linda casinha junto da do novo beneficiado. Ella regeitou sem affectação todos os pedidos de casamento que se lhe fizeram, achando neste tal defeito, tal vicio n'um outro, um era bonito em excesso, o outro era demasiadamente feio; este tinha máo genio, aquelle era bom de mais; se um era magro, o outro era muito gordo, tanto que a final permaneceu solteira, Jorge e Maria tiveram muitos filhos. Izabel se consagrou inteiramente aos cuidados de educal-os: ella tinha sempre pelo menos um em sua casa; os meninos julgavão ter duas mães — mamã Maria e mamã Izabel.

Para Maria e para Jorge, — Izabel era uma irmã querida — que previa tudo — que arranjava tudo — que dissipava as nuvens ligeiras que obscurcem por vezes o horizonte da mais perfeita felicidade.

A força de nobreza e de elevação, Izabel fez de seu sacrificio uma felicidade para si. Ella tinha amado Jorge, — ella o adorava — mas ella passava sua vida com elle, — mas ella era a segunda mãe de seus filhos — mas ella era a quem elle devia toda sua felicidade, porque ella tinha comprado secretamente este emprego, que lhe tinha permitido casar-se com Maria, — e ella se

consagrava inteiramente á elle. Nunca durante quinze annos deixou seu amor exceder os limites que lhe tinha prescripto — nunca sentiu mesmo uma alegria secreta de uma queixa, ou de uma frieza entre os dous esposos: pelo contrario ella apasivava tudo — reunia tudo — cultivava com cuidado a felicidade daquelle que ella amava. conservava-lhe como ella lhe a tinha dado, era feliz da singular belleza da mulher de Jorge, e se algumas qualidades lhe faltavao, ella fazia de maneira que Jorge não as percebesse, — e depois fazia tudo para que Maria adquirisse essa perfeição nova.

Sua grande alegria era fazer para com o joven par o papel da Providencia.

Quantas inveções engenhosas — quantas intrigas honestas para dar verosimilhança á realisação dos votos e dos desejos mais ligeiros que Jorge podia formar! ella tinha o mesmo zelo para os desejos de Maria — por causa do reflexo de felicidade que sentia Jorge por isso.

No fim de quinze annos, Jorge cahiu gravemente doente, Izabel soube dissimular o que havia de excessivo em sua dor, como tinha sabido occultar os excessos de seu amor — ella não pensou senão nelle.

Apezar do ardor e do fervor de seus cuidados, teve precaução que Maria tivesse sempre, ao menos nas apparencias, vantagem sobre ella a esse respeito: — Jorge teria soffrido ver mais solicitude em uma outra do que em sua mulher que elle adorava.

Apezar das promessas, apezar das orações, apezar dos cuidados, elle morreu. Então somente Izabel pela primeira, e unica vez, permittiu a seu amor expandir-se. Maria chorava com seus filhos em uma camara visinha; Izabel velava só, junto do corpo de Jorge — á luz dos cirios accendidos. Ella desdobrou o semblante immovel e calmo do morto.

« Jorge, disse ella, pela primeira vez eu o digo hoje — eu te amo. Eu soube fazer-me uma felicidade de te ver feliz — mesmo nos braços de outra — Tu morto, eu me farei uma consolação de te substituir junto daquelle que tu amavas

na terra. Tua alma poderá vir nos visitar, e nos acharás sempre como eramos em roda de ti.

« Eu farei o que tu ao expirar lamentaste não poder fazer. Eu não fui tua mulher, nem tua amante; tu ignoraste toda a vida o amor o mais terno que uma mulher tem jamais sentido. Mas entretanto eu sou tua viuva.

Depois ella depoz um beijo nos labios frios e pallidos do morto: o unico beijo de amor que ella deu em sua vida. Cumpriu a sua palavra — ficou com Maria e com os filhos de Jorge, — pôz luz com a familia, mas guardou-o — até morrer.

« Foi-lhe mais que uma consolação — foi-lhe uma felicidade substituir Jorge junto daquelle que elle tinha amado; — rodeou Maria de cuidados e de providencias.

Alguns annos mais tarde Maria pensou em se tornar á casar. Um momento Izabel sentiu uma alegria secreta com o pensamento de que ella seria a unica viuva de Jorge; mas logo voltou á sua sublime dedicacão, e nao quiz que a mulher, que Jorge tinha amado, fosse indigna d'elle — mesmo depois de sua morte: ella lhe fez comprehender que uma mulher não é esposa e viuva com dignidade, senão uma vez, que aquella que tinha sido a mulher de Jorge, que a mãe dos filhos de Jorge — nao devia nunca deixar o seu nome, nunca receber um outro homem em seus braços, — nunca trazer em suas entranhas outros filhos que não fossem de Jorge.

Maria morreu primeiro. Izabel a fez enterrar junto de seu marido. Ella ficou a mãe — a unica mãe dos filhos de Jorge, os casou, e os estabeleceu: depois lhes assegurou todos os seus bens, e esperou a morte que devia reunir-a ao homem que tinha sido seu unico amor; e quando, rodeada dos filhos e dos netos de Jorge, que choravão ajoelhados em de redor de seu leito de morte, ella sentiu sua alma destacar-se do corpo — não disse senão estas duas palavras.

— *Enfim...* Jorge... E morreu deixando impressos em seu semblante os traços da esperanza e da alegria.

Rio de Janeiro, 1834.

Therexa.

DIA DE REIS.

6 DE JANEIRO.

A igreja celebra esta festividade com o nome de Epifania, que significa manifestação, e lhe foi applicado por ser este o dia em que Jesus Christo se manifestou aos pagãos. E' uma das festas mais celebradas entre os christãos, que chamavão antigamente a este dia de *Natal*, e ainda hoje em certos sitios da Europa, se festeja nelle a Natividade.

Ha diversas opiniões acerca da origem da celebração deste dia, e posto que as maneiras de o festejar sejam mui diversas em varios paizes; com tudo em todos ha o mesmo fim, que é o de honrar os magos do Oriente. Brand observa, que o

costume de escolher neste dia um rei, já existia entre os antigos gregos e romanos, os quaes nos dias festivos de Saturno, que cahião por esta parte do anno, tiravão sortes de diversos reinos, e como verdadeiros reis exercião sua autoridade temporaria.

Fosbroke affirmar que o rei das *Saturnae* era eleito por meio de lavas, e deste facto se pôde pensar que o costume neste dia seguindo em França é imitação d'aquelle dos romanos.

Antigamente a igreja celebrava este dia pelo modo seguinte: tres padres vestidos como reis, acompanhados de seus criados com varias offer-

las, se encontravão diante do altar entrando por diversas portas da igreja. O do centro que se suppunha vir do Oriente apontava com o seu bordão para uma estrella: seguia-se um dialogo, e depois de se haverem beijado uns aos outros, entoavão o canticó « *Vamos indagar etc.* » e findo este, o côro cantava « *Venhão os magos etc.* » Seguia-se uma procissão, e apenas esta entrava em a nave, se accendia uma corda á maneira de uma estrella, pendente da cruz, a qual apontava para os magos, e o côro cantava: « *Vede a estrella do Oriente.* » Concluido o qual, os dous padres nos lados do altar respondião: « *Esses que procurais sempre nós.* » e correndo uma cortina mostravão uma criança, á quem adoravão todos ajoelhando. Os criados immediatamente se apresentavão com os presentes de ouro, incenso e mirra, que erão divididos entre os pobres. Os magos continuavão a sua adoração até cahirem a dormir, e sabendo logo um menino vestido de anjo lhes dirigia estas palavras: « *Tudo quanto os prophetas disserão se cumpriu etc.* » e a festa concluia com os outros canticos divinos.

Em Soissons, na França, suspende-se no centro da igreja uma corda a que prende um círculo de ferro com sete luzes, o que representa Lucifer ou a estrella da manhaa.

As tres pessoas a que chamão os *Reis Magos*, erão os tres sabios chamados do Oriente. Dizem que a imperatriz Helena, que morreu pelos annos de 328? trouxera do Oriente os seus corpos para Constantinopla, onde depois passaram para Milão; e quando está cidade em 1164 foi tomada pelo imperador Frederico, os deu elle de presente ao arcebispo de Colonia, que os mandou depositar na sua principal igreja, onde ainda hoje são tidos em grande veneração: a igreja lhes chama Gaspar, Melchior, e Balthazar; mas ha tradições em que se lhes dão diversos nomes,

como Apellio, Amero, e Damasco — Malgalath, Gallagal, e Sarasinó — Atos, Satos, e Peratoras.

Em quasi toda a Europa o dia 6 de Janeiro, ou como ordinariamente se lhe chama, *dia de Reis*, é festejado tanto em publico como no interior das familias.

Em Allemanha o povo e os estudantes escolhem um rei com grande cerimonia e grandes festas.

Em França, cada familia ao jantar apresenta na mesa um bolo com uma lava dentro, e cortado em bocados; aquelle, a quem o acaso destinou o bocão em que se acha a lava, é o rei ou a rainha, e levantando-se logo, todos bebem á sua saude e lhe rendem homenagem todo aquelle dia.

Na antiga corte de França celebrava-se a festa da Epiphania, escolhendo os fidalgos dentre si um rei, a quem depois fazião todos corte durante a funcção: a revolução aboliu esta festa, e hoje em logar do Imperador e os seus nobres fazem a corte ao rei improvisado, a familia Imperial acõehe algumas familias pobres e lhes distribue esmolas.

Entre nós tambem este dia foi sempre muito festejado, e ainda é, pelo povo com musicas e cantorias, que vão fazer á porta das pessoas a quem pretendem obsequiar, acceitando porisso presentes, ou esplendida cea, frutas, doces, e ás vezes grande funcção. Chama-se a isto *Cantar os Reis*.

Neste dia tambem começa o Carnaval em Roma, o qual continua até á quaresma.

— Eis o que em resumo extrahi de noticias antigas, e reuni ad que pertence ao nosso tempo: é como que uma noticia historica do *do dia de Reis* que não tomará logar a qualquer das vossas intelligentes leitoras que estimão ter noticia do util e do agradável.

Viscondessa da...

POESIA.

Aos annos da Exm. Sra. D. Amalia Guilhermina de Oliveira Coutinho.

SONETO.

Vinde, ó Nereidas, Graças e Amores,
Em turba festival hymnos cántando,
Vinde, ó Nymphas dos prados, entoando
D'Amalia tão gentil gentis primores:

Vinde dos bosques ternos amadores,
Batendo as azas, canticos trinando,
Venhão as musas todas recitando
De quem hoje nascera os mil louvores:

Venha Apollo tambem tangendo a lyra,
E saiba um dia o Céu que Amalia bella
As celestes virtudes possuira:

Que o mais bello ideal se achára nella,
E por thema a poesia decidira:
Eu bebo inspirações nos olhos della.

S.

AO MESMO MOTE.

Nem do astro do dia a claridade
Que sobre nós se espalha tão brilhante,
Nem do universo o quadro tão tocante,
Que de mundos nos mostra a immensidade;

Nem d'alta serraania a magestade,
De bellas impressões sempre abundante,
Nem de saudosa noite o astro errante
Minha alma elevão á sublimidade.

Em Marcia eu vejo só toda a grandeza,
O mais brilhante sol, a minha estrella,
O perfeito lavôr da natureza:

Conheço e adoro Deus somente nella,
Comprehendo o seu poder em sua belleza,
Eu bebo inspirações nos olhos della.

S.

A OBRA PRIMA ANONIMA.

Rubens, percorrendo os arredores de Madrid, entrou em um convento bastante austero, e viu, não sem surpresa, no pobre e humilde côro da capella, um quadro que revelava o mais sublime talento: era a morte de um monge. Rubens chamou a seus discipulos, e mostrando-lhes o quadro, partilháram todos sua admiração.

— E quem será o autor desta obra? perguntou Van Dyck, discipulo favorito de Rubens.

— Havia um nome escripto por baixo do quadro, mas apagarão-o cuidadosamente; respondeu Van Thulden.

Rubens, mandou então pedir ao prior que lhe viesse fallar, e perguntou ao velho monge o nome do artista a quem devia sua admiração.

— O artista já não existe.

— Morreu! exclamou Rubens: morreu! e ninguém o conheceu até hoje! ninguém repete com admiração seu nome que devia ser immortal! seu nome ante o qual se apagaria talvez o meu! E entretanto, continuou o artista com nobre orgulho, e entretanto, meu padre, eu sou Paulo Rubens!

A estas palavras, o rosto do prior se animou com ignoto fulgor. Seus olhos scintillaram, e fixou em Rubens um olhar que denotava um sentimento maior que a curiosidade: poucos instantes porém durou tal exaltação. Abaixando os olhos e cruzando sobre o peito os braços, que em um momento de entusiasmo, havia levantado para o Céu, repetiu: — O artista morreu!..

— Seu nome, meu padre! seu nome, para que eu o possa transmitir ao mundo; para que eu possa dar-lhe a gloria que lhe é devida.

E Rubens, Van Dyck, Jacques Jordans, Van Thulden, seus discipulos, quasi seus rivais, rodeavam o prior e supplicavam-lhe instantemente que lhes dissesse o nome do autor do quadro.

O monge tremia; um suor frio cahia de sua testa, em suas faces emmagrecidas, e seus labios se contrahião convulsivamente, como prestes a revelar o mysterio cujo segredo possuia.

— Seu nome, seu nome, repetiu Rubens.

O monge fez com a mão um signal solemnue. Escutai-me, disse elle; mal me comprehendestes: disse-vos que o autor deste quadro não existe, mas não vos disse que morreu.

— Elle vive! vive!.. oh! fazei com que o conheçamos; conduzi-nos á sua presença!

— Renunciou ao mundo... entrou para um claustro e fez-se monge!

— Oh! dizei-me em que convento; porque é necessario tirar-o d'ahi. Deus quando marca o homem com o sello do genio, não é para elle se pultar-se na solidão. Deu-lhe Deus uma missão subilme, é necessario que a cumpra.

— Dizei-me o claustro onde está, que d'ahi irei tirar-o, para mostrar-lhe a gloria que o espera! Se recusar, farei com que o nosso Santo Padre, o Papa, faça-o voltar ao mundo e ser pintor. O Papa estima-me, e me escutará.

— Não vos direi nem o claustro onde se refugiou, nem seu nome, replicou o monge, resolutamente.

— O Papa vos ha de ordenar, exclamou Rubens desesperado.

— Escutai-me, disse o monge, esentai-me em nome do Céu!

— Julgais que esse homem antes de renunciar á gloria, não lutou bastante contra uma semelhante resolução? Acreditais que não tivesse amargos soffrimentos, cruéis dores, para que não reconhecesse emfim, disse elle batendo no peito, que neste mundo tudo é vaidade? Deixai-o pois morrer em um asylo que achou contra o mundo e seus desesperos.

Emfim, vossos esforços serão inúteis; é uma tentação da qual sahirá victorioso; continuou fazendo o signal da cruz, porque Deus o ajudará: Deus que em sua misericordia o chamou, não o expulsará de sua presença!

— Mas, meu padre, é a immortalidade que elle renuncia!

— A immortalidade nada é em presença da eternidade!

E o monge puxou seu capuz sobre o rosto mudando de assumpto, afim de impedir que Rubens continuasse.

O celebre Flamengo sahio do claustro com seus discipulos, e todos voltáram para Madrid silenciosos e pensativos.

O prior voltando á sua cella, ajoelhou-se sobre a palha que lhe servia de leito, fazendo a Deus uma fervorosa oração.

Apanhando depois pinceis, tintas e um cavalete que estavam espalhados na cella, lançou-os ao rio, que corria debaixo de sua janella.

Por algum tempo olhou com melancolia para a agua que levava estes objectos.

Quando desaparecerão á sua vista, voltou a por-se em oração sobre seu leito de palha diante de um Crucifixo.

(Trad.)

Belmira.

Agradecemos vivamente á nova collaboradora o mimo que nos fez do presente artigo, cuja escolha nos dá as melhores esperanças de possuímos ao nosso lado uma intelligente Sonhadora, a quem abraçamos cordialmente.

REDACTORA EM CHEFE.

CHRONICA DOS THEATROS.

O anno que lá vai foi enterrado aos tocares de contradanças e valsas: os mascarás dançáráo-lhe no banquete do enterramento, como costumávão fazer antigos Escocozes; e foi condgido ao cemiterio de Tempo em um rodamoinho de uma valsa infernal! Que qerem dizer estes signaes de alegria na hora da agonia do anno que finava? Acaso seria culpado das vasantes do theatro?

Era de prever que depois de um astro, como a Sra. Stoltz, cujos fulgores deslumbravão tudo, e cuja maça exercia uma força attractiva tão forte, que fazia encher sempre o theatro para vê-la e ouvi-la, apézar das lamas e da chuva, não podiamos deixar de cahir outra vez em trevas, porque os astros que cá nos deixava erão mui pequeninos, para vencer o negrume e encher o vazio theatral.

Depois se accrescermos a isto as más direcções, os más contractadores, as más escolhidas operas e sua má *mise en scene*, que admira que o theatro estivesse sempre ás moscas, em todo o correr do anno passado?!

O anno que começou foi principiado com os mesmos signaes de jubilo com que o outro foi sepultado: quem nos poderá assegurar que esses signaes de jubilo não se devam torrar em signaes de dó! A celebridade esperada, que já de longe parece nos prometter as mesmas noites deliciosas, que nos deu M.^{me} Stoltz, pôdo não corresponder ao juizo que fazemos della, e então os embaraços para a empreza devem ser talvez inevitáveis. As circumstancias que acompanhárão o nome da Sra. Stoltz, e a que deve talvez as

ovações que recebeu de nós; os excessivos applausos que recolheu na nossa scena, não são as mesmas para a cantora, seja ella quem for, que cá nos trouxeram; a novidade, o maior incentivo deste mundo, já passou; nós já vimos uma celebridade cantatriz, e já nos convencemos que era de carne e osso, como outra qualquer cantora.

Pórtanto, parece-nos, que não devemos confiar tanto na celebridade que esperamos: quem sabe como será recebida pelos nossos velhos dandys dos bastidores?... Não se procura já retirar-lhe o prestigio, sem ao menos saber-se ainda quem ella seja?

Entretanto que não chega, devemos nos ir convencendo, que o anno de 1854, vai ser um anno de experimento para o theatro lyrico, em que têm de ser determinada a vitalidade de sua existencia, a sua jerarchia, e a classe a que pôde pretender, pelo acolhimento que fizermos a essa celebridade: ao mesmo tempo que teremos que manifestar, se os applausos que barateamos á Sra. Stoltz erão devidos ao amor á musica, ao entusiasmo pelo seu canto, ou se era sómente por serdes vós quem sois, como se costuma dizer.

Leitoras, o vosso chronista andou em festas, e por isso dispensai-o desta vez de vos fallar das *Tres Cidades do Amor*, peça que nos deu S. Pedro pelo Reis. É um nome, que *chatonillé*, como dizem os Francezes, e que não pôde deixar de pertencer a cousa boa, basta entrar esse menino mais velho que Matusalém, e que nenhum de nós conhece...

E. Z. A.

CORREIO DOS SALÕES.

Estatua mutilada do tempo, o anno de 53 desabou do seu pedestal no abysmo do pó: — cada- ver da vida, tombou immovel e entorpecido no sarcophago fundo do passado.

Requiescat in pace.

E envoltas no crepe de sua mortalha; pregadas ás taboas negras de seu atalho; — e hoje calcadas pela lousa inamovivel do seu tumulo; jazem com elle muitas illusões de minha vida, muitas horas perdidas em scismar da esperança; — muitos sonhos, meu Deus, que não terei mais.

Forão o cortejo funebre que acompanharão-lhe o caixão de fimado ás catacumbas do cemiterio: são hoje os cyprestes mortuários e a cruz erguida eternamente sobre a sepultura do morto: serão talvez visões ajoelhadas alta noite em oração, ou sombras embeuçadas no pardo manto da madrugada que visitem o cadaver de meus vinte um annos — gelado em seu sepulchro.

Estava encostado ao parapeito de minha janella, — fumava: as estrellas vellárão-se, a brisa gemeu, e meia noite sóu lentamente; erão os ultimos soluços do anno de 53 que morria.

Eu lhe dei uma lagrima de saudade nas derradeiras extorções do pensamento — ouvi-lhe bem triste os gemidos tremulos das ultimas agonias do moribundo.

Quantas de vós não terão visto affundarse no horizonte de vossa idade, esse sol dos desejos anno, e ir perder-se no labyrintho das datas este anno de tantas emoções, de tantos desejos satisfeitos, de tantas revelações, de tanto amor?!

Tereis, pois, como eu chorado o passado á borda dessa sepultura aberta, esse portico por onde elle entrou na eternidade.

Outros pelo contrario, ouvirão-lhe as ultimas convulsões engolfados na orgia de um baile de mascarás, ou nem sequer sentirão-no morrer no meio do estrepito e confusão das danças.

Muitos tambem, nessa hora solemne, dormidos na indifferença, não se despertárão de seu somno placido e profundo.

Para mim foi uma hora triste, porque recordou-me muita ventura que passou, muita esperança que eu tive! Porque reconheci que meu coração tinha morrido com elle, e que o anno de

54 vinha encontrar-me sem um souho, — sceptico de tudo em que até então acreditava.

Lá foi-se — *requiescat in pace.*

Deixemol-o dormido em seu leito eterno, e saudemos a primeira aurora do anno bom, esse berço dourado que embalou nas pruhceiras faxas o anno de 1854.

Elle nasceu risonho e formoso — que Deus lhe faze uma vida feliz.

Para vós, minhas leitoras, elle será sempre o que vos têm lido os versos de vossas amendoas de festas — elle será sempre como o foi no primeiro dia — tão cheio de praseres e de emoções.

Só não tereis o encommo do de despedir tantos sorrisos em paga de presentes; e podereis dal-os todos ao dilecto de vosso coração.

Até dia de Reis a quadra não passara — mas d'ahi em diante estareis de todo livres.

Alguem vos fia de lembrar, que só deveis ter então um sorriso.

Continuai pois a folgar, e voltai depressa de vosso retiro poetico, que a corte já está morta de saudades — Eu vos espero no *Campes tre* deste mez.

Não attendei sómente aos vossos commodos;

vós tendes obrigação de adornar os nossos sa-lões; e a infracção deste preceito da vossa parte poderá ser punida, como se pune a ingratidão e o egoismo.

Deixai Pretopolis: — não tem feito calor tambem na corte:

Que prazer achais mais, nessas ruas tão pas-seiadas, nesse rio tão monotonno, nesse Céu sempre nublado?!

Pensai tambem, que os enfeites que levastes, a moda já os condemnou; felizmente ella não desampara a corte como vós, — nem sobe nessas carros empoeirados a serra da Estrella. — Ficai sempre commosco: e talvez sejam as suas ordens e prescripções que obriguem a desligar-vos de vossos retiros, — mais do que os nossos rogos e supplicas ferventes.

Vinde ornar esses camarotes, tão vastos, do Provisorio nessas noites de baile mascarados, vindes ordenar a abertura dos saloes, — vindes sorrir-nos um desses sorrisos aprendidos na solidão.

Eu nada vos peço por mim, — acreditai.



Que maldita criada!

Era o caso.

Uma senhora, perfeita dona de sua casa, que mais cuidava dos seus deveres domesticos, que dos enfeites do seu tocador, confiara á uma sua criada, madura de idade e verde de juizo, todos os arranjos do seu guarda-roupa, assim como todos os cuidados que necessariamente se despendem com os mil objectos que lhe pertencem. A senhora ia bem, e a criada maravilhosamente. Caminhava as cousas ao *pintar da sarsafa*, quando sou a hora da missa do gallo.

— Vamos, mamã? disse a filha.

— Vamos, minha filha, disse a mãe. Dá-me um lenço encommado, Beruarda.

— E que sim, senhora minha ama.

Veio o lenço; e a moça, e a mãe, e o pai, e o primo, e as visitas que estavam fazendo horas, todos sahirão: Ahi vão para S. Francisco de Paula.

Claro como o dia estava esse magestoso templo; muitas moças e muitos moços, como é de costume, e calor como se quarenta caldeiras de vapor fervessem á roda de nós.

Suava-se em licas.

Dá licença... com licença... e assim, para aqui e para acolá, chegámos ao centro da igreja, que é onde todas as moças gostão de ficar. Ao ajoelhar, como é costume, abriu seu lenço a senhora para

levemente enxugar o suor que se distillava copioso e ardente.

Ai! não sei como de vergonha não cahi redondamente no chão!

A senhora tambem ficou petrificada!

Más o que havia de ser! Era uma camisinha de eriauca com seus pegamentos e rendas nas mangas e fraldinhas o lenço que a *Bernarda* lhe dera no alvoroto dos requizes de sino para a missa do gallo. E isto na igreja de S. Francisco de Paula, entre moços e moças que não deixavão passar camião pela malha! Avaliem em que apuros não ficou a senhora: o suor redobrou, e a camisinha... a camisinha era o lenço com que se devia limpar...!

Forte criada maldita!

Eu, que lá estive no rancho, que vi tudo; e até soube que a camisinha-lenço era uma das doze camisinhas cheirosas que no dia seguinte foram de presente para certa amiga intima que ha poucos dias teve uma filhinha lindissima, senti o desgosto por que passou a senhora, mas gostei da extravagancia do facto, e excommunguei as criadas Bernardas, promettendo referir este facto para despertar á certas moças, que guardão tudo para a ultima hora, que não saião de casa sem primeiro abrirem o lenço, ainda que mais não seja do que para por-lhe agua de Colonia.

Boas-noites de França.

Acompanha este n.º 2 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.